



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade—Casa do Balão do Porto—Paço de Sousa
Vales do Correio para Cete

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tip. da Casa Hun'Alvares—A. Santa Catarina, 828-Pôrto

Os nossos

assinantes

Manuel Marques Couceiro, Galveias, 50\$; Maria Adelaide Magalhães Ilharco, Portelo, 50\$; Francisco Pinto Loureiro, Urrô, 30\$; Maria Filomena Leite da Mota, Venda do Campo, 20\$; P.ª Superior dos Franciscanos, Penafiel, 100\$; Adão da Silva, Paço de Sousa, 30\$; Agostinho da Silva, Paço de Sousa, 30\$; Labínia Barreto, Caldas da Rainha, 30\$; Joaquim Pinho de Almeida, S. João da Madeira, 50\$; Maria Emília de Sousa Pires, Montemor-o-Velho, 50\$; Maria Emília Minhava, 50\$; Lídia Minhava, 25\$; Olímpia Carvalhal, 25\$; Angelina Pereira, 25\$; Ana Pereira, 25\$; — todos de Vila Real. Maria Fernandes Vieira Guedes, Leça da Palmeira, 50\$; Alberto Lopes Correia, Pevidem, 50\$; Januário Carrilho, Covilhã, 20\$; Laurinda A. Manso, Aldeia do Bispo, 20\$; Belmiro Mendes de Oliveira (2 meses), Guimarães, 20\$; Arcipreste de Mortágua, 30\$; António Fontes, Figueira da Foz, 30\$; Virgínia Carqueja, Oliveira de Azemeis, 25\$; Alzira Marques, Oliveira de Azemeis, 25\$; Centro Extra Escolar da M. P., Vila Real de Santo António, 25\$; Rodrigo de Sá Aboim e Aboim, Vila Real de Santo António, 25\$; Maria da Conceição Minhava, Vila do Conde, 24\$; Alferes José Manuel Castelhamo Ennes da Lage, Caramulo, 20\$; Júlia Maria de Brito e Cunha, Belas, 10\$; Viscondessa de Reboledo, Paio Peres, 30\$; Dr. Augusto Campos de Melo, E'vora, 40\$; P.ª Mário Correia, Azinhoso, 50\$; P.ª Adão Pinto Afonso, Mêda, 50\$; Margarida Vaz Monteiro de Matos e Silva, Ponte de Sor, 100\$; Tília Casimiro e Sousa, Ourém, 25\$; Josefina Beatriz Gonçalves Ferreira, Braga, 30\$; Maria Ermelinda Regado, Esposende, 30\$; Natalina Garcia de Mascarenhas, 20\$; Judite Menezes de Vilhena, Luanda, 50\$; T.te Coronel Alfredo Ferreira Esteves, Lamego, 20\$; Maria Amélia Albuquerque, Abrantes, 20\$; Mariau, Riba de Ave, 50\$; Eng.º António de Faria, Pedorido, 100\$; Aurélio Pinho e Costa, Oliveira de Azemeis, 30\$; José Pereira de Carvalho, Carvalhos, 40\$; Maria Augusta Azevedo Miranda de Andrade, Braga, 50\$; Maria Emília de Resende Basto, Pardilho, 20\$; Dr. António Marques Fernandes, Lagares da Beira, 50\$; Dr. Marques dos Santos, Rio Tinto, 50\$; Aida Julieta Fernandes, Guimarães, 24\$.

UMA QUADRILHA DÊLES

NADA menos de sete. O Adriano do Porto, de cinco anos. O Mário de outros tantos e da mesma terra. O Fernando de Matosinhos de pouco mais. O Jorge de Calde, da mesma sorte. O Joaquim de Cinfaes com dez e os mesmos tem o Miguel de Coimbra. E finalmente o Eduardo Victória, que não sabe quem é nem que idade tem. Manobravam nos quartos interiores da casa. Havia mandantes, havia mandados e ainda os que estavam à côca, não viesse algum impertinente dar com eles em função. Uma *organizaçãosinha* prometedora... Com o producto, iam fóra a uma loja, por guloseimas. Não ia sempre o mesmo, para despistar; e davam recado ao vendeiro, de que a *senhora* é que mandava, em prémio das suas obras! Mentira puxou sempre mentira.

A gente deleita-se, quando estes casos se dão imediatamente à chegada dêles a nossas casas, como no presente. Todos eles teem poucas semanas de estágio entre nós. O mais *velho* é o Fernando de Matosinhos. O que nos faz doer, são casos como o Celso de Vizeu que já tem 13 anos. Sabe o que faz e faz tantas! Dizem que tem Pais e que eles choram. Também eu!

A pequenina *quadrilha*, já entrou em cura. O nosso laboratório, é a ampla sala onde eles comem. Depois de uma sôpa quentinha e muito bem adubada, estão aptos a escutar grandes palavras e a tomar generosas resoluções. Também se espera muito dos bons officios dos que chegaram com estes hábitos e hoje já os não teem. Que eles ajudem os faltosos. Que os aconselhem. Que sejam camaradas. Os nomes de cada um dos delinquentes aqui publicados e lidos por um dos nossos maiores, em acto de Comunidade, é outro remédio que pode levar à cura.

Quási todo o rapaz que chega das ruas, traz o hábito do furto. É uma consequência lógica da vida que eles levam. Todos escorraçam os garotos dos sítios tentadores; lojas, mercados, apêrtos, por toda a parte. Sabe-se, de antemão, que ele rouba. Parece não se saber ou finge-se que se não sabe a forma de evitar este horrível mal para todos nós. Eles são legiões. Amanhã, não haverá trancas nem chaves que os segurem!

Os nossos *criminosos* de que se ocupa esta crónica, hão-de achar-se,

compreender e emendar-se, porque o nosso método, a isso os encaminha. Os remédios aplicados, são de ordem espiritual. É à noite, em comunidade. Pintamos de negro os roubos, mai-los ladrões. Contamos casos. Encarecemos a honestidade. As palavras incidem na alma dêles, puxadas por convicção.

Nós levaríamos à conta de crueldade, e por isso nunca o fizemos, imputar a estes filhos, de ninguém, as culpas de todos nós! Não é de maneira nenhuma escorraçando, que nos defendemos dêles; é mas é chamando-os para ao pé de nós e amá-los sem medida.

Conquanto a palavra *roubar* é o verbo que designa os actos dêles, quando chegam de fora, nunca lho disse, por pudor. Não a acho adequada.

De uma vez, um pequenino vendedor de *O Gaiato* adiantou-se em meia dúzia de escudos. Eu soube e calei-me. Veio a próxima quinzena, e o rapaz não foi vender. Veio a terceira e aconteceu na mesma. O rapaz andava triste; muito mais andava eu. Um dia, perguntei-lhe de mansinho, se ele já estava capaz, de ir vender. Disse-me que não!

Os homens fortes, são aqueles que conhecem a sua fraqueza. Este rapaz, como tantos que vivem nas *Casas do Gaiato*, são esperanças vindouras. Ainda hoje andaria escorraçado das tendas, por roubar, se não tivesse tido a boa hora de vir aprender connosco o que é o roubo.

Aonde os rapazes maus? Aonde os indesejáveis? Aonde a crápula?

Filosofia do cavador

O Sérgio está quasi na altura de tomar conta da direcção dos trabalhos agrícolas. Por enquanto vai observando e seguindo orientação do «Ti Pedro», o nosso hortelão. Gostei muito de conversar com este homem e com os outros operários, apreciar-lhes de perto o trabalho e dedicação, pagar-lhes o salário familiar. Não seria tão aguda a questão social, se assim procedessem todos os patrões.

Naquella altura, descarregava ele uma carrada de pasto que tinha ido buscar à serra. Parece que lá em cima o frio era tão intenso que nem tinha forças para partir o pão do farnel que levaram. Mas o que mais o comoveu, foi o desconforto dos habitantes daquela aldeola serrana.

—O frio que eu lá passei!... e que aqueles pobres por lá passaram! E dizem que os pobres ainda podem ir para o inferno... Não pode ser! Hão de ir todos para o céu! Ninguém calcula o que os pobres sofrem!

—Mas olhe lá; a sua cara não é de quem passa mal, e há ricos que andam amarelos e doentes...

—Sim; há-os que andam assim por causa dos vícios que teem. Mas os vícios dos pobres, são todos mortos com o cabo da enxada!

Grande verdade! E por estarmos convencidos dela é que fazemos do trabalho, o sacramento mais regenerador destas crianças picadas. O ponto mais difícil é manter-lhes a alegria no meio das ocupações mais variadas. Mas consegue-se. Numa noite destas a trovoadá passou brava por cima da casa. Propositadamente perguntei na manhã seguinte quem é que se tinha assustado com ela. Ninguém a tinha sentido.

A noite é pequena para o repouso de quem passa o dia a matar os vícios... à enxada.

Este número de «O GAIATO» foi visado pela Censura

DUAS CARTAS

É costume dos fabricantes pedirem a senhores de nomeada duas palavrinhas publicas, para fazer com elas reclame aos seus productos. E até os escritores, por mais acreditados que sejam, também gostam do prefaciozinho nas suas obras. Ora não acontece assim com a

Obra da rua. Tudo vem cá ter espontaneamente. As cartas fervem. Não podemos resistir à publicação de algumas pelo bem que elas necessariamente fazem às almas. Como um senhor que há dias nos escreveu, também eu acredito na Comunicação dos Santos. Aqui

4.º Visitar os enfermos...

Há dois meses já que não tinha transporte a passarela do Mondego na orla do Choupal. Tremo ao passar por ela, não pela água que passa por baixo, mas pela língua suja das lavadeiras que andam por cima.

Vamos lá: desta vez, nem uma palavra que destoasse. Talvez o caldo que os filhos delas comeram nas Colónias de Férias, lhes tenha tapado a boca.

Do outro lado do rio é o Alvergue. Lá fui visitar um pobre doente que as rendas caídas atiraram para fora da cidade. Fiquei horrorizado. Nunca vi tão vincados no ser humano, os traços da fome, como naquele nosso infeliz amigo. Um verdadeiro feixe de ossos!

Chorou largo tempo, sem articular palavra, só com a alegria de nos tornar a ver, pois esperava pela morte a curto prazo.

Mais calmo, explicou então o motivo do seu abatimento:

—Tomo apenas meio litro de leite por dia, e é enquanto me dura o dinheiro do cobertor que o Pai Américo me deu e que mandei pôr no prego. Depois...

Comuniquei o caso para Paço de Sousa e a resposta a este S. O. S., voltou no dia seguinte:

vai uma dessas cartas. Não traz nome, mas não é de maneira nenhuma uma carta anónima. Não é. Cada palavra é um nome.

Para as obras da Casa de Gaiato, de uns pais venturosos pelo nascimento do seu primeiro filho, o pequenino António Maria; e para que ele, que teve, desde que foi concebido, o amor estre-mosíssimo de seus pais a esquecer-lhe a existência seja em toda a sua vida, um homem de bem, dispondo sempre de umas migalhinhas para a obra do Rua que tem em vista sobretudo suprir a falta desse amor que nada no mundo iguala—o amor dos pais—e que a tantos desfavorecidos da sorte falta desde os primeiros momentos da vida.

Cremos, Padre Américo, que ninguém amará e compreenderá melhor a obra que os pais verdadeiramente dignos desse nome e por isso nós que com a graça de Deus procuraremos sê-lo no mais elevado e completo sentido da palavra, nos lembramos dos seus pequeninos, em hora tão venturosa.

Aqui vai outra carta:

Não posso deixar de concordar com as ideias de V. expostas no seu jornalzinho, que leio assiduamente e de fio a pavio.

Esta obra de rapazes e para rapazes não pode ser construída senão pelos rapazes.

Conheço o ambiente colegial no qual vivi 12 anos e por isso posso dizer-lhe, esse ambiente de liberdade individual, feito pela convicção de cada um é o único que pode garantir-lhe resultados eficazes.

Recordo agora duas frases de um director espiritual que tive durante vários anos: "aos rapazes deve exigir-se tudo, porque ele ou dá tudo ou não dá nada." "O director deve ser como a alma que tudo informa e dirige sem se ver em parte alguma". A meu ver, é este o papel de V. dando aos rapazes aquele ambiente livre em que eles se sentem senhores do seu papel, e acarreta com

NOTÍCIAS DO LAR

O responsável por esta parte do jornal voltou!

Foi chamado em serviço da Pátria! E se esta chamada lhe trouxe, nos primeiros dias das manobras, algumas lágrimas, a custo reprimidas, hoje consola-se com o motivo a que foi convocado! Aliás, o homem, segundo Carrel, para bem aproveitar ao máximo as suas forças activas e criadoras de que dispõe, tem necessidade espiritual de se submeter, por vezes, a um regime de vida diferente do normal, fugindo, assim, a todo o comodismo que porventura tenha, e sujeitar-se, por vontade, a um estado inferior,

//

—Não estou tranquilo enquanto não souber que o Avelino tem dois litros de leite por dia.

Não se contam as passadas que dei para conseguir aquela porção de leite. Está pago o primeiro mês. Agora o que não está certo é que seja o Pôrto a matar a fome aos pobres de Coimbra. Por isso espero na Gráfica ou na Casa do Castelo a resposta — para o doente do Alvergue—de alguém que se compadeça e não queira deixar morrer à míngua um irmão nosso.

Cumpra a primeira obra de misericórdia para que eu possa cumprir a quarta.

as responsabilidades dos seus actos, contudo V. está sempre alerta para endireitar e guiar quando algum desequilibra ou tem vertigens.

Ainda recorro com saudade e satisfação, aquele dia em que o P. Prefeito me chamou de parte e me disse: "de hoje em diante és tu o roupeiro, vâ lá como te portas"; tinha um cargo a desempenhar, com 14 anos sentia-me um homem, e procurei sair-me o melhor possível.

Oh! como eu o compreendo, e como compreendo cada um desses rapazes... quem me dera ter muito para o poder ajudar e animar.

E' uma confirmação do nosso sistema. O seu autor ainda hoje se recorda de como ficara contente quando lhe confiaram uma obrigação, nos seus tempos de colégio. Todos os nossos rapazes podem amanhã dizer o mesmo, da alegria que sentem das nomeações aqui recebidas, que fazem um pequenino homem de cada um deles. Acredito, também, na boa vontade de quem escreve e sei que, se pudesse, me havia de ajudar. Nós temos recebido muito, mas necessitamos de muito mais. Não me queixo de ninguém. Ninguém me deve nada. Os apaixonados são por natureza as primeiras vítimas de suas paixões. Mesmo as honestas e construtivas, nem por isso deixam de gastar. Ora aqui é que vem. Se não devem nada a mim, devem à obra. Tenho muita e muita pena que nesta obra de todos os portugueses, seja preciso mendigar para ela a pontos de cair por cansado, o homem que a traz no peito. Tenho pena!

onde sinto f-ltas às suas exigências de pessoa afortunada.

Hoje, ao pensar nas marchas através de estradas em poeira, a caminhar até às 3 e 4 horas da madrugada, e a sentir outros sofrimentos, hoje, na rota da vida anterior às manobras, eu medito e exclamo: abençoadas fadigas!

Não me importava, até, de sentilas anualmente, depois do ano lectivo e dum mês de férias: o melhor medicamento para o cansaço cerebral é o trabalho físico e vice-versa. O espírito fortifica-se, a vontade abalança-se para empresas mais altas, e o homem, se tem a paixão pelo infinito da sabedoria, vê os seus conhecimentos a aumentarem e sabe que tem que lutar arduamente para alcançar aquilo que pretende. Mas agora reparo que tudo isto são notas pessoais, que possivelmente não interessam ao leitor; pelo contrário, só lhe trazem tédio. Minto? Oxalá que sim.

Como assunto importante, vem hoje a propósito a nossa divisa, por assim dizer familiar: "Semper fidelis".

Há cerca de 3 anos, foi solenemente inaugurado um quadro, colocado em a nossa sala de jantar, onde se vê encaixilhada uma folha de cartolina com aquelas duas grandes palavras, desenhadas esmeradamente por um dos Pupilos. Tínhamos, até então, o Decálogo a indicar-nos os deveres a cumprir em toda a parte, e esses 10 mandamentos, englobando e traduzindo toda a moral, servir-nos-ia como guia único, e dispensa-vá assim, quaisquer outros preceitos. Ai, se os homens compreendessem bem a força regeneradora e edificadora desse Decálogo, entregue por Deus a Moisés no Monte Sinai, sim, se os homens, além de o conhecerem, o que se tem editado ultimamente, em especial a Carta das Nações, não teria aparecido, não teria realidade efêmera!

E pergunta-se: que tem lucrado a humanidade com esses papéis? Nada, porque o seu conteúdo não tem merecimento. Enquanto se não compenetrarem de que têm que cingir-se ao que está divinamente estabelecido, os homens andaráo sempre em constante desconfiança mútua, por mais autenticados e chancelados que estejam esses falsos documentos.

Nós adoptamos aquela divisa como membro da comunidade, isto é, um porta-voz familiar, um arauto permanente das nossas constituições, que nos pusesse de sobreaviso na iminência de algum desaire. Com aquelas palavras gravadas no peito, sabemos o norte dos nossos desejos temos na nossa frente o fim em vista dos nossos actos, e tudo quanto estiver fora deste âmbito, está fora do alcance da missão a que nos devemos propor.

Ao lembrar-se da sua divisa, o pupilo deve ser fiel a quem? A Deus, ao Lar e a si próprio.

E' sobre esta tríplice ideia que no próximo número se dissertará.

(Continúa)

Herlander.

Notícias DA CASA DE MIRANDA

por Carlos Alberto Fontes

Andamos a fazer um moinho ao fundo da nossa quinta. Há-de ser movido com a água dos nossos tanques. Ao lado fica uma oficina tocada também com o mesmo movimento da roda.

//

O Manuel a que nós chamamos o Soldado Desconhecido, parece que trouxe o vício de roubar. Negou sempre até que o Umberto o levou à capela e lhe disse: —Olha que tu aqui não podes mentir. Tiraste ou não o dinheiro que estava na mesa? Tirei sim senhor. No outro dia de madrugada vestiu-se com a roupa do Domingo e meteu-se pela linha abaixo. Ainda foi até às Carvalhosas. Foi a irmã do nosso pobrezinho do Vale de Salgueiro que o encontrou à noite, e o trouxe para casa.

//

Foram os nossos vendedores do nosso jornalzinho vender o Gaiato a Coimbra e a Figueira. Em Coimbra venderam trezentos jornais e na Figueira quase duzentos. Em Miranda e na Louzã venderam-se aproximadamente cem. Na Figueira uma senhora ofereceu de comer ao Pedro e ao Albino e em Coimbra também há muitas pessoas que oferecem comida. Na Louzã foram comer à casa do costume. E' a do sr. Ferreira. E todo o bem que nos fazem nós agradecemos muito. Já pedimos para nos mandarem mais cem jornais do Pôrto para nós vendermos porque, desta vez, se mais jornais tivéssemos, mais vendíamos.

//

Para a nossa obra tem nos dado várias coisas. Um senhor Prior deu-nos 15 alqueires de milho da cóngrua dele. Mais uns visitantes deixaram-nos 90\$00. Um senhor de Louzã prometeu um alqueire de batatas para a nossa Conferência. Mais um alqueire de castanhas que nos deram de Arganil, com as quais fizemos um magusto no dia de todos os santos. A nossa mãe acaba de nos dar um carvalho para a roda do nosso moinho. Foram hoje o Sérgio e o Arlindo cortá-lo e trazê-lo. Tem sido muito generosa. A's vezes quando iamos à Senhora da Piedade passávamos por lá e dáva-nos castanhas e vinho e muitas coisas mais. Um senhor de Coimbra mandou uma pele de cabedal. Já o ano passado deu uma de sola. Uma senhora de Coimbra paga todas as despesas no Seminário ao João Carlos Freitas. Agora temos lá outro companheiro que não tem quem lhe dê a bolsa de estudos. Recebemos também trezentos escudos na Coimbra Editora, devem de ser de algum amigo do senhor Padre Américo. O sr. Padre Adriano também deve ter recebido algum dinheiro, mas há-de ser muito pouco porque ele anda sempre a dizer que temos de poupar muito porque somos pobres.

//

Os nossos pombos fugiram num dia de madrugada. Só o que cá estava há mais tempo é que não fugiu. Mas já sabemos onde eles estão. Até os pombos são vadios. Havemos de os ir buscar.

As nossas oficinas



El-los a proclamar o arrojado dos «tripeiros». Foi um deles que me disse: «tome lá cem contos!» Lançou-se a primeira pedra em 15 de Fevereiro deste e hoje, esperamos pelo equipamento, que o edifício já tem dentes. Temos o Pépe e o Celso, que já trabalham na forja. Temos o António mai-lo Amadeu, que são carpinteiros. Temos o Inácio de Sapateiro e por enquanto, mais nada.

LIENDO DO JORNAL

O Raúl e o Amadeu eram dois rapazes que andavam por lá e vieram dar à nossa porta acerca de dois anos. Veio primeiro o Raúl e depois o Amadeu. Com o andar dos tempos, soube-se que eles faziam praça em Paços de Brandão e vegetavam pelas cercanias. Soube-se mais que o abade daquela terra ficava sem muitas coisas que eles lhe limpavam. Foi preciso, portanto, daquela freguesia, a pessoa que tem mostrado mais interesse pela sorte dos rapazes, uma vez que os soube aqui, e agora insistiu muito comigo para que Raúl e Amadeu ali fossem vender. Raúl e Amadeu foram. Vestiram-se de gala. O Periquito foi mais eles, chefeir. Saíram de véspera, foram pela Casa do Pôrto levantar duzentos jornais, tomaram em Espinho o Vale do Vouga e à noite, deram fundo em casa do Sr. Abade. Sr. Abade aboletou-os. Eu fiquei no parlamento disse o Periquito. Soube pelo Raúl que parlamento é uma loja da terra. Foi bem escolhido. O Periquito é o nosso palrador número um. Venderam tudo. Trouxeram muitas assinaturas. Chegaram com perto de um conto e quinhentos! Disseram que nos combóios venderiam o dobro se fossem prevenidos. Nascemos ontem e já ocupamos o coração de cada português! No regresso, Periquito fez alto na Granja, de onde é natural, e visitou ali numa família amiga que lhe ofereceu duas óptimas camisas. Periquito deixou ficar os companheiros na estação.

— O rapaz; porque não foram contigo?

— Porque não davam bons créditos à Casa.

Periquito explicou-se e eu compreendi. E' que Amadeu e Raúl eram das valistas. Ainda não perderam a cor da terra nem o geito de campônios. São uns lorpas, como ele próprio disse. Ora Periquito era garoto da praia. Estava na sua terra natal. Quis firmar seus pergaminhos. Foi sozinho.

A venda do Pôrto decorreu normalmente. O Oscar por um triz que não apanhou a camisola ao Amadeu. Ainda muito arriscado o Amadeu! Não foram à vila de Paredes por se ter esgotado o jornal. Pedimos desculpa aos nossos amigos daquela Vila.

CARTA DA OBRA DO ARDINA

Calçada da Glória, 39 — LISBOA

A nossa carta não chegou a tempo da vez passada. Eis a razão do nosso silêncio, no momento em que mais precisamos de... barulho e propaganda. (não eleitoral, des-cansa!)

Vamos abrir a segunda «Casa do Ardina» em Lisboa na Rua Dr. Oliveira Ramos 7 e ainda não temos com que mobilá-la.

Faltam-nos bancos, talheres, pratos, toalhas, etc., etc.

Manda tudo o que para aí tens, que, com uma volta, serve muito bem! Queremos que o ardina sinta a sua «Casa» linda, linda, como eles dizem da Calçada da Glória.

Faltam-nos gêneros — Feijão, grão, batatas, etc. Não terás na tua quinta ou horta que nos mandes e encha os estômagos esfomeados dos nossos ardinas?

E' que nos falta o mais importante: dinheiro!?

Manda, manda sempre. Pelo correio, ou entregue à porta. Manda tudo para a sede, que é mais central e tem sempre quem possa receber.

E queres que te diga mais?

A dois dias da distribuição de consoadas e agasalhos a fazer como no anterior a 250 famílias de ardinas, tivemos que pedir ao leiteiro que demorasse a apresentação da sua conta deste mês, a ver se vem com que a paguemos... Ele confia, como nós, e disse logo que esperava o tempo que fosse preciso. Parece que custa mais a nós do que a eles, o não podermos assim pagar logo as contas todas...

Ao fazermos as contas do fim do mês e ao vermos como tínhamos a dinheiro «rés-vés», vino-nos aflitos para conseguir dar o ordenado ao nosso António — 10\$00?... «Oh minha senhora, não se aflija, quando eles vierem a senhora paga-nos.» E compreendo com quem aprendeu o leiteiro e todos os fornecedores.

E, queres que te diga, aprendemos também, a ter a humildade de pedir que espera a tua... generosidade, leitor amigo, que nunca faltas nas ocasiões.

As duas «Casas do Ardina» estão à tua conta, bem como o «Natal» de 250 ardinas e respectivas famílias.

Não te assustes com a responsabilidade. Assumimo-la a melas contigo!...

E, já agora, a pedido dos ardinas, deixa-me que te diga o que foi a festa familiar deles no fecho da «Colónia de Férias». Lembra-te do que te contei que havia quatro grupos, cada qual sob o patrocínio de um santo?

Pois cada grupo teve que apresentar um número:

O grupo «Santo Condestável», uma alegoria ao patriotismo do ardina. O grupo «S. Paulo», uma cena da vida de S. Paulo, passada entre pregação e trabalho. Valia a pena ver o António Marques puxar animadamente as calças, num gesto peculiarmente ardina, esquecido da linda toga de sêda que envergava, e, como se esquecesse do papel, puxou do dito e... leu-o com todo o calor!... O grupo «S. Vicente de Paulo», quadros-vivos sobre as Obras de Misericórdia acompanhados de versos do Rev.^m P.^o Moreira das Neves.

O Manuel Rosa e o Ernesto faziam de Anjos da guarda do assistido e do... misericordioso. Os cenários improvisados valiam a pena ser vistos pelo engenho. Basta dizer que com umas listas amarelas, a tampa da máquina de escrever, fez de caixão para... «enterrar os mortos!»... E assim por diante. Foi um sucesso, um verdadeiro sucesso, sob todos os pontos de vista!

E para terminar, o grupo «S. Pedro» apresentou uma linda marcha popular com seus arcos engrinaldados e baldes. (Houve quem nos emprestasse, calcula!)

As famílias convidadas enchiam o terreiro, e as palmas marcaram bem o agrado!

E, como agradecimento, pela confiança, que não pelo trabalho, os nossos ardinas e o público chamam-nos ao palco. Dissemos que não, redondamente. Nisto, dois dos da marcha — o Júlio Paiva e o Ernesto — vêm até nós de arco em punho e num convite intimativo, à maneira do ardina, dizem-nos: «Oh minha senhora, venha daí!»... «Vamo-nos embora!»...

E foi num salto, num grande sim ardina, que demos uma volta de «marcha ardina» com eles!...

A carta já vai longa...

Terminámo-la, à maneira ardina: «Venha daí: dinheiro, muito dinheiro!... Venha daí: tudo o que tens para dar!»...

«Marchemos na grande marcha da Obra do Ardina» — salvemos o ardina e as suas famílias!

«Vem daí, ajudar-nos, sim?» Dá um salto até... à Calçada da Glória 39.

MARIA LUÍSA

Honra à Figueira

Mais uma vez foi «O Gaiato» apregoadado pelas ruas da Praia da Claridade. Quem diria que havia de ser tão carinhoso o acolhimento que lhe tem sido feito! Quasi duzentos exemplares! Pouco menos que na época balnear.

Como os tempos vão mudando! A primeira vez que a «sopa dos pobres» ali foi mendigar pão para eles, nem sequer juntou para as viagens. Agora todos gostam de ver passar os pequenos ardinas.

E' justo que a Figueira assim acolha os Gaiatos que ali vão trocar a verdade que alimenta o espírito, pelo pão que lhes alimenta o corpo, porque são já muitos os filhos daquela cidade que aqui encontram abrigo.

O mais antigo é o Fontes — o figueira. Tive ocasião de conhecer in loco a vida que levava, quando, em certa ocasião, voltou à sua terra, em prêmio de bom comportamento. A medida que caminhávamos, ia ele recordando: galgou muitas vezes aquele muro para roubar; aquela farda foi feita para mim; roubei e arreliei muitas vezes uma mulher que aqui estava a vender castanhas. O Sr. Presidente da Câmara conhece-me bem. A polícia levou-me lá algumas vezes. Agora é o cronista da Casa e secretário da Conferência.

O segundo é o Pedro — o nosso cadio. Só a dormir é que está calado, e nem sempre. Daí o nome de guerra. Chegou todo coberto de feridas. A primeira vez que voltou à Figueira, nem a mãe o reconheceu. Vi a chorar enquanto apertava o filho ao peito.

Ai meu filho que estás tão lindo; nem te conhecia; queria levar-te a casa, mas nem um bocadinho de broca lá tenho. E' o da camisola amarela na venda do jornal, pela lata que tem.

Vem a seguir o Manuelzito de Laves — O ché-miga, de cinco anos, apenas. Não sabia dizer uma única palavra, devido à falta de convivência com qualquer pessoa. Agora fala pelos cotovelos. E' o benjamin da casa.

O mais célebre de todos deve ser o pipita. Na quadrilha dos cara à banda chamavam-lhe o Pôrto, por ter vindo do norte, lá dos lados de Sinfães. Fomos arrancá-lo aos calabouços da Polícia. Vai em dias de regeneração. Aluda ontem veio apresentar um objecto que achava que podia, como dantes, meter ao bolso. E' cuidadoso no trabalho e anda a pedir para o deixarmos trabalhar na padaria.

Finalmente — o Gil — simpático no nome e na apresentação. E' o curador das galinhas, que lucraram muito com este novo servente.

Seguindo o exemplo de outras Câmaras, era louvável que o Sr. Presidente da Câmara da Figueira da Foz nas generosas distribuições que continua fazer pelas Obras de Beneficência, se lembrasse também desta, que, com tanto carinho trata os seus mais infelizes súbditos.

Crónica da Casa do Pôrto

Obra já vão conhecendo a Casa do Pôrto — Rua D. João IV, 692.

O Rui está convencido que andou de andar quando fez a última venda do jornal, mas nós teimamos que o miúdo andou mas foi de elevador num prédio da Avenida dos Aliados.

A nossa conferência vicentina reúne com toda a regularidade aos domingos. Esperamos roupas para os nossos pobres e ligaduras para um menino paralítico.

Um amigo da Obra quasi todos os domingos nos leva ao futebol e quasi sempre entramos de graça. Mas noutro dia, no campo da Constituição, ele teve de pagar 25\$00 para entrarmos porque depois de alguém ter dito que sim outro alguém disse que não.

A derrota do Sporting foi muito sentida cá em casa. O Júlio justifica estas coisas declarando que a bola é redonda. O Luciano até treme e como o Ferrelirinha fala de mais levou um bochecho a tempo e horas...

Se alguém tiver lenços a mais lá por casa, pode enviá-los que bom geito fazem cá, para enxugar as lárimas do Licínio, quando o Benfica perde, ou quando o Adriano parte um alguidar.

O Rui ontem partiu um vidro — é a notícia mais sensacional que o Bernardino dita para a crónica. Mas houve por cá outros factos sensacionais, entre os quais a lista dos objectos oferecidos durante a quinzena, a saber: uma balança decimal, 4 escadotes, e mesa de pinho, uma estante, 1 lavatório, 2 cadeiras, 1 mosquiteiro, 1 gaiola para rôlos, 1 pá, 1 enceradora, 3 baldes e 3 jarros — tudo objectos usados, oferta duma senhora, mas tudo a valer como novo para todos nós.

Doutra senhora: 6 cadeiras que vieram em muito boa hora para a sala de visitas e 4 metros de riscado para aventais; mais 4 caixas de atacadores duma fábrica dos ditos, nossa vizinha; o Espelho da Moda recebeu e remeteu, além do pagamento de algumas assinaturas um pacote de Promonta (o remédio de que o Sr. Padre Américo precisava), várias pantufas usadas e um par de botas.

Uma senhora de Leça enviou 10\$00 para os pobres da nossa conferência e outro tanto para a Casa. Outra senhora enviou um embrulho com roupas usadas e 1 par de sapatos. Do Grémio respectivo, 60 quilos de bacados de bacalhau e duma família cá da rua, 5 litros de vinho (muito bem aparecidos porque o pipito já deu o ultimo suspiro há muito e os rapazes que trabalham precisam de ser tonificados) uma bacia e um balde.

Por tudo isto se vê que os amigos da

Notícias Diveras

Eu calhei à minha mãe. Foi a notícia que nos veio trazer um pequenino exposto, hoje abrigado e muito feliz em uma das nossas casas. É denúncia nua e crua de um lar arruinado por aquela lei falsa e muito considerada, a que chamam o divórcio. Costuma-se ver nela a garantia de uma liberdade igualmente falsa, um direito de escolha, uma afirmação de independência; tudo mentira, só não é mentira a tristeza das crianças que veem à nossa porta, declarar com lágrimas a sua desventura.

A minha mãe, disse ele. Minha. O pequenino não quer divorciar-se. Quere ter Mãe, e vem em cata de quem faça as suas vezes. Pois não podia ter batido a melhor porta. As nossas governantes, sobretudo a da Casa de Miranda, perdem-se de amor, quando os nossos mais pequeninos lhes chamam mãe. Oh Mãe!

Aqui há uns tempos, apareceu em uma das nossas casas uma mulher bem trajada, com uma creança pela mão, a pedir abrigo, e contou a história. A creança ficou, mas a mulher sentia grande dificuldade em se despedir: *custa-me deixá-la. Ela dá-me um nome que eu não mereço; chama-me Mãe!*

Eu fiquei a cismar na beleza moral daquela Mãe, e dentro de mim, louvei ao Senhor em suas criaturas. Dá-me, porém, muita pena e também fico a cismar, quando oiço aqui em casa a inocência a queixar-se de injustiças: *ela deixou-me ficar e o meu pai fez na mesma!* Quantos casos não temos nós assim! Um deles, é de três irmãos, sendo o mais pequenino de cinco anos. Como são fracos os homens! Como há rajadas de paixões que num instante deitam ao chão os que parecem mais fortes! Porque te deslumbra; de que te vanglorias, oh homem!? Mais humildade e menos basófia.

COMEÇARAM as mulheres da terra a vir trazer o linho fiado. Algumas, vêm de roca à cinta e fuso a bailar. Os nossos mais pequeninos fazem um grande círculo, olhos pregados na fiandeira, e chamam outros: *anda ver!* Assim aprendem a ser limpos do coração, com estes panoramas de real inocência.

As mulheres entregam o fiado, recebem a paga e levam mais obra, mais linho. A paga, consiste em meia ração de pão por miada, e a merenda, que fica à generosidade de cada um.

Não sei que poesia tem o linho, nem creio que haja quem na conta, adequadamente! A paga das meadas é uma estrófe; meia ração de pão! A riqueza sólida, o nível seguro, a fonte de paz — *pão!* Quando aparecem leis a dá-lo por conta e medida, mesmo aqueles que o tem de casa, mal vai ao mundo!

Depois, — a merenda, feita de frutos nados e criados nos mesmos campos do linho: batatas, cebolas, feijões. E a fiandeira regressa de roca à cinta e fuso a bailar, toda contente por levar no regaço feijõesinhos *pró caldo*. O mundo tem tantos encantos e os homens derrancam tudo!

EU ia por aí abaixo e topei um senhor. *Sabe? Sempre que vou ao Porto em dias de venda de o Gaiato, gosto muito de me demorar com os seus rapazes.* Escutei com muito interesse as razões do seu gostar. A seguir, o mesmo senhor declara muito desanimado: *Nós não podemos fazer nada dos nossos. Aquilo é do pior. São da rua.* Era um empregado superior de uma das chamadas casas de educação, que assim falava.

— Oh meu senhor; mas aqueles dos nossos que vendem o jornal são precisamente da mesma massa; são da rua. Vieram das ruas!

Como tínhamos muito tempo deante de nós, comeci por expor ao meu companheiro de viagem as razões do nosso método e concluí dizendo que se a massa era a mesma, a virtude estava na forma de a conduzir. *Que não,* disse.

Os nossos são maus. Tentei, ainda, provar-lhe com a nossa experiência que nunca dei com um rapaz que quizesse ser

deliberadamente mau, e dei muitos exemplos de entre as centenas deles que tem passado e vivem nas nossas casas. Pedi-lhe com muita sinceridade que viesse passar uns dias connosco sem se fazer anunciar, para encontrar tudo como é. Ergui o valor do próprio rapaz como mestre e colaborador do rapaz. Que viesse ver com os seus próprios olhos, que o tal rapaz mau é mais o produto de maneira falsa de educar do que realidade objectiva. Dei-lhe notícia dos domingos de Paço de Sousa, passados em liberdade na nossa quinta sem vigilâncias de ninguém, com inteiro respeito pela fruta, pelas árvores, pelas pastagens, pelos gados. Disse-lhe da liberdade que eles gozam na escola dos seus próprios castigos e que assim os recebem frutuosa e plenamente.

Disse mais e mais e mais, e o meu companheiro ficou na dele: *olhe meu caro; os da casa de onde eu estou, são de tal sorte que nem a pau!* Ter olhos e não querer ver, é a pior das cegueiras e está tudo dito.

QUE é isso rapaz? É uma criadela. Era o avózinha que trazia uma perna entrapada. *Criadela* é o nome pitoresco que todos sabem dizer, quando vão à enfermaria por mézinhos. Alguns nem lá vão. Onde quer que encontrem um trapo, aí o remédio para as suas criadelas.

ESTAMOS actualmente a dar óleo de fígado de bacalhau. Alguns não veem a mês. Escondem-se. É preciso

ir procurá-los. O Claudino de Gaia, toma duas colheres por necessidade. O óleo é um alimento formidável. Muda o aspecto das nossas crianças para melhor. No fim de vinte dias fazemos pausa para de novo continuarmos.

O Filipe do Seixal caiu doente, vítima da sua obrigação. Um calo que ele fez nos dedos, de cortar couves para as galinhas, obrigou-o a uma intervenção da enfermeira. As horas do curativo são muito procuradas, por via da cara que ele faz e dos gemidos que lança. Tomou posse do lagar dele, interinamente, o Osvaldo de Coimbra. Parece que as galinhas não se tem achado mal. O Osvaldo é que se tem queixado e já pediu ajudante por causa de um galo que nos adoceceu gravemente. O animal encontra-se na cozinha do forno dentro de um cesto de palha, e necessita que lhe metam a comida no bico. O Osvaldo limpa-lhe a cama e dá-lhe de comer, sim, mas queixa-se de que lhe falta o tempo para acudir devidamente aos outros bicos.

NASCEU o primeiro! Foi a notícia alvoroçada que veio ter ao meu quarto em primeira mão, trazida por uma grande dúzia de rapazes. E só nasceu mais outro. A tropa anda muito descontente com a porca, por ter dado somente dois filhos. Eu ainda não disse a ninguém que o Zé Sá mal-lo Cândido dos Guindais, são os que tratam da comida dos porcos.

Da que nós necessitamos

Tem chegado de vários pontos do país vários sacos de castanhas. Ah! que rico! Foi uma hora muito feliz aquela em que os engenheiros do caminho de ferro traçaram naquela tempo a linha e levantaram uma estação tam rentinho à nossa casa! E agora, o telefone, ainda a puxa cá mais um nada! Não nos causa trabalho nenhum o mandar pelas coisas a Cête. Assim seja com quem no-las manda. Pois as castanhas tem feito merendas deliciosas. E' o Rio Tinto quem acende o lume. A lenha é a caída, da nossa mata, para pouparmos cavacas. A's cinco horas, ou às dezassete para ser moderno, forma-se a bicha presidida pelo Oscar de cana na mão. Também nos chegou um presente de qualificado valor; queijos, um saquinho de grão, e uma pancadaria de carne de adubar. Andou ali dedo de boa dona de casa, que sabe governar. Vê-se. Sente-se. O perfume das esmoladas dadas por amor, vai com elas. Ele há certas senhoras que governam casas fartas e também querem ser donas, mas não sabem. Guardam, guardam e guardam até vir a traça! Dá penal

Recebemos uma peça de ouro do tempo do Marquez de Pombal. Temos também recebido por carta vários donativos de amigos da obra, mas não é nada de meter medo a ninguém. Temos conhecimento da entrega de alguns pacotes no Espelho da Moda. Desejaria sinceramente que eles fôssem de roupa usada. Não há nada mais lindo para as nossas casas e uso dos nossos rapazes, do que a roupa

que traz o bafo dos teus filhos. Nada que lhes fique tão bem. E' ali onde as classes se dão a mão e onde o pobre fica bem ao pé do rico. E' um sinal de aproximação. E' a *Caridade* que não forma castas mas une os irmãos. Dá-me vontade de cair de joelhos quando recebo para os pobres, roupas quentes e vincadas, que fizeram estações do ano ao uso dos ricos. Comprar nas lojas, são transacções comerciais. Espero que ninguém, ao ler estas regras carpideiras, tenha coragem de se deitar e dormir a noite, sem arranjar o pacote de roupa usada.

Chegaram há dias do Porto dois dos nossos, a aviar um recado. Alguem deu-lhes um cobertor, um lençol e uma coberta. Ora eles tem trazido encomendas feitas nas lojas, de roupas que nos são precisas, e vão direitinhos com elas à rouparia, sem mais nada. Não assim com esta esmola. Abriam, admiraram, passaram-lhes a mão por cima: *ai! que cheira tão bem!* Não é a roupa que faz isto; é simplesmente o amor de quem dá.

O mundo não acredita nestas coisas à força de esperar outras. Não acredita no Amor. O mundo arrefeceu! O que se pode vender não se dá — e tudo serve para vender! Tudo quer fazer negócio; bons negócios. Ninguém pega em pastas sem postas. Sei de muito boa gente que jura aos santos como eu ando nesta vida para me governar. São lógicos. Pois que veem eles?!

OS nossos rapazes não são perfeitos. O povo diz que nem a flor com esse nome o é, para afirmar, na sua teologia, que só Deus é perfeito. Ora muito bem. Quasi todos os dias, depois da ceia, temos cá tribunal. Ontem à noite, o chefe reabilitou um delinqüente que tinha sofrido um castigo de oito dias. Disse-lhe a sua maneira e com palavras suas, o que pensava da sinceridade no cumprimento da pena. Levantou o pequenino muito alto e a comunidade em peso, muito contente com o chefe e muito contente com o ex-condenado, irrompe numa grande salva de palmas. Estamos na presença de cem garotos da rua conduzidos, neste momento, por um irmão mais velho que também foi da rua. Ontem, deixados no abandono das ruas, dariam palmas ao Mal. Hoje distinguem e aplaudem o Bem.

Quem tem o costume de visitar presos em seus cárceres, nota que algum homem de virtude que venha a cair nas malhas da justiça, não encontra ambiente nem pode fazer bem nas prisões. Os reclusos, em regra, não gostam dele. Não tem proezas para contar. Não sabe a giria nem o calão. Ele é mercadoria falsa. Porquê? Porque aqueles condenados e convictos invertem desde criança o valor das coisas, tendo sido levados, pelo seu abandono, a dar palmas ao Mal e a aborrecer o Bem.

P. S. — Como esclarecimento às pessoas que tem escrito a saber do castigo do Zé Eduardo, informa-se que esta notícia lhe diz respeito. Foi ele o reabilitado. No próximo número já sai a costurada crónica... se ele não armar novo sarilho!

EXISTE em Avanca uma fábrica de camas de ferro, onde costumo mandar fazer as que preciso. Pois muito bem. Sempre que vai uma encomenda de camas pequeninas, para os nossos mais pequeninos, o dono da fábrica não está com meias medidas e arruma-lhe logo com um desconto de 40%, e ainda por cima oferece uma ou outra.

Tal a magestade da Creança! Ele havia de vir à nossa aldeia, ver a sala onde temos as 20 camas pequeninas. Havia de ver também ali instalado o Zé Maria, que pelo amor extremado que dedica aos nossos pequeninos, passou a ser a Mãe deles. Mostrou-se. Revelou-se. Quando algum adocece, Zé Maria lá está à beira do leito, com brinquedos e remédios, a acariciar. Quere ser enfermeiro. Já dá injeções em batatas, ao pé do médico da casa.

Zé Maria apareceu-nos cá em Maio do ano anterior. Dias depois, fugiu. Regressou. A porta estava no mesmo sitio. Zé Maria é muito feio; os maus tratos dos caminhos, aumentavam este predicado. Hoje está mais bonito e todos os rapazes o adoram, todos, pelo muito que ele quer aos nossos benjamins.

UM dos nossos professores, veio agora aqui trazer uma nota de 50\$ que um pequeno, o Ernesto, encontrou nos degraus da portaria, e entregara. Verifiquei que a nota de 50\$ era a mesma que um visitante me tinha dado momentos antes, e que eu ali deixara cair.

Tem sido sempre assim. Por uma suave disposição do Onipotente, acontece aparecer o acto honesto de um, para constituir o maior castigo de outros.

Precisamente numa ocasião em que andamos ocupados em colher o melhor rendimento dos castigos à nossa moda, aplicados à *quadrilha* de quem aqui se fala, vem a acção nobre do Ernesto, confundir os pequeninos faltosos, isto pela solenidade que se dá ao prêmio atribuído. Suaves disposições da Providência!

Quem é este Ernesto. E' nosso. E' meu. O roubo mais arrojado que se tem praticado em nossas casas, foi cometido por ele, quando era mais pequenino. Não o digo para depreciar, mas sim para louvar este meu filho. Mesmo aos olhos de Deus, tem mais valor a emenda convicta do que a inocência. Tenho toda a confiança no Ernesto. Não tarda muito que ele vá ao Porto vender.